

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

29.12
LH:PC:hs

**O CANGAÇO NO RIO GRANDE DO NORTE:
O BANDITISMO SOCIAL**



ITÁCIO SOUZA DE MELO

**NATAL – RN
1999**

ITÁCIO SOUZA DE MELO

**O CANGAÇO NO RIO GRANDE DO NORTE:
O BANDITISMO SOCIAL**



**Monografia apresentada à disciplina
Pesquisa Histórica II, ministrada
pela Professora Denise Mattos
Monteiro, do Curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande
do Norte, sob a orientação do
Professor Luiz Eduardo Brandão
Suassuna.**

Dedico, aos meus pais (in memoriam), Tereza Souza de Melo e Eufrásio Belmiro de Melo, pelo amor, carinho e dedicação que me proporcionaram durante a vida e pelo constante incentivo na minha formação pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

Ao Orientador e Professor Luís Eduardo Brandão Suassuna, meu sincero agradecimento pelo modo em que se dispôs a orientar esse trabalho, especialmente pela compreensão dispensada, bem como, pelo exemplo de dedicação ao estudo e a pesquisa na História.

A minha irmã Elenice, pelo carinho e incentivo a mim dedicado, e ainda, pelo conforto espiritual que representa na minha vida.

Aos meus Professores, pelos ensinamentos salutares a minha vida profissional e pessoal, e dessa forma, contribuíram de modo significativo para a conclusão do curso e obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em História.

Às Bibliotecárias, Maria de Lourdes Teixeira e Marilene Bezerra de Medeiros, pela presteza e forma amiga com que colaboraram na elaboração desse trabalho.

Aos meus colegas, pela amizade e convívio harmônico durante todo o transcorrer do curso.

A Olga Maria dos Santos, por ter contribuído de forma especial na minha formação profissional.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	A ESTRUTURA SÓCIO-ECONÔMICA E CULTURAL VIGENTE NA ÉPOCA E SUA RELAÇÃO COM A ORIGEM DO CANGAÇO.....	09
2.1	O monopólio da terra.....	09
2.2	A reação da população pobre frente a fome e a miséria provocadas pela seca.....	09
2.3	O banditismo : suas causas.....	09
2.4	O banditismo social.....	11
2.5	Fatos do cangaço.....	12
2.6	Aspectos culturais vigentes.....	12
3	O MOVIMENTO CANGAÇO.....	14
3.1	Características do cangaço.....	14
3.2	Hábitos e costumes.....	15
3.3	Vestuária.....	15
3.4	Higiene.....	16
3.5	Danças e cantigas.....	16
3.6	Os cabras cantavam o cangaço.....	17
4	O CANGAÇO NO RIO GRANDE DO NORTE.....	20
4.1	Causas.....	20
4.2	A presença de Jesuíno Brilhante.....	20
4.3	As investidas de Antônio Silvino.....	20
4.4	Lampião: o expoente do cangaço.....	21
4.5	Lampião e a Coluna Prestes.....	24

4.6	Revolução de 1930.....	25
4.7	O motivo do ataque a Mossoró.....	25
4.8	O bando de Lampião em Mossoró.....	27
4.9	O primeiro êxodo da população.....	27
4.10	O ataque a Apodi.....	29
4.11	O ataque a Pau dos Ferros.....	29
4.12	O ataque a Martins.....	29
4.13	O ataque a São Sebastião.....	29
4.14	A Estratégia.....	30
4.15	A tática de Lampião.....	31
4.16	Os crimes.....	31
5	CONCLUSÃO	33
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

ANEXOS

1 INTRODUÇÃO

O cangaço era um tipo de luta armada do sertão brasileiro, do fim do século XVIII à primeira metade do século XX. A palavra já existia com outros sentidos, adquirindo tal acepção para caracterizar o fenômeno brasileiro, supostamente porque o cangaceiro tinha atravessado nos ombros a sua espingarda, semelhando um boi debaixo da canga.

É também considerado um fenômeno derivado dos interesses do poder. Os cangaceiros foram inicialmente estimulados e mantidos por grupos de latifundiários, para assegurar o domínio no campo e controlar a população sertaneja.

As causas do cangaço são sócio-econômicas e individuais. Entre as primeiras, a mais importante é a estrutura agrária do Nordeste, na qual o homem do campo tinha como alternativas para a sua miséria o cangaço ou fanatismo religioso. Outras causas eram a marginalização do trabalhador rural, a distribuição injusta dos produtos da terra e os baixos salários. Dentre as causas individuais, salientam-se a atração que a fama e a independência dos cangaceiros exerciam sobre o povo, as vinganças pessoais ou de família e a revolta contra as arbitrariedades da polícia e dos donos da terra.

Os participantes do movimento eram chamados cangaceiros, em grande parte, jagunços que não aceitavam mais as imposições dos coronéis, que eram, em sua maioria, latifundiários estabelecidos no Nordeste que exerciam poder sobre extensas áreas dessa região. Esses cangaceiros formavam grandes grupos que partiam pelo sertão de vários estados nordestinos, saqueando vilas e fazendas, e espalhando o medo e a morte por onde passavam.

O sentimento sertanejo vê no cangaço a explosão do seu anseio de justiça contra formas estabelecidas pelos abusos políticos e pelas ordens dos coronéis, que vêm formar um complexo de justiça injusta, arbitrária e unilateral.

O cangaço é uma explosão, é uma vingança, embora também, como uma forma de justiça não venha satisfazer ao desejo de ternura de uma gente humana e piedosa, que se índole pacífica e resistente, só aspira a paz e chuva para sentir seus campos e seus filhos crescerem.

Os vilarejos miseráveis, no entanto, não tinham o que reclamar dos cangaceiros, e nestas áreas e eles eram vistos como heróis, pois traziam comida e remédios para essas localidades.

O Nordeste brasileiro foi sede desse movimento gerado por fatores sócio-econômicos e políticos, em virtude da maneira como era organizada a estrutura agrária local, que tornava os trabalhadores dos latifundiários cansados da terrível situação em que viviam por causa da falta da água, de terra e da crueldade dos coronéis, que submetiam o nordestino pobre a um regime de semi-escavidão em seus latifúndios.

No primeiro capítulo é feita uma análise da relação existente entre a conjuntura sócio-econômica no final do século XIX e início do século XX e o surgimento do cangaço, enfatizando os principais fatores envolvidos nesse processo.

Discorre-se, a seguir, acerca do cangaço como um movimento: as suas características, os hábitos e costumes cultivados naquela época, a maneira peculiar com

que os cangaceiros se vestiam, seus hábitos de higiene e as cantigas entoadas pelos bandos.

Em seguida, é feita uma análise do movimento no Rio Grande do Norte, suas causas, os grupos que atuaram no estado, bem como a ação desses grupos e o resultado de suas investidas.

A finalidade deste trabalho é estudar a sociedade da época (década de 30), bem como mostrar o poder do grande proprietário no campo sertanejo e a decadência do latifúndio semi-feudal, e sua importância no Rio Grande do Norte.

2 A ESTRUTURA SÓCIO-ECONÔMICA E CULTURAL VIGENTE NA ÉPOCA E SUA RELAÇÃO COM ORIGEM DO CANGAÇO

2.1 O monopólio da terra

O coronelismo vigente no sertão nordestino brasileiro conferia uma autoridade abusiva àqueles que tinham o domínio da terra, principalmente sobre aqueles que nela trabalhava. Esse tipo de relação existente entre o coronel e os seus subordinados gerou uma série de crises, de ordem econômica, ideológica, de autoridade, que foram expressas em rebeliões espalhadas em vastas áreas do interior do Brasil, abrangendo muitos habitantes do campo, e foi nesse cenário de grandes conflitos que se deu a transição entre os séculos XIX e XX.

A situação dos pobres do campo no fim do século XIX e início do século XX era propícia ao surgimento de rebeliões, onde homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias buscavam uma “saída” nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos “fanáticos” liderados por “beatos” e “conselheiros”, aspirando a conquista de uma vida melhor. Dessa forma, lutas eram travadas, de armas nas mãos e isso representava a decadência de um sistema econômico-social que procurava sobreviver a si mesmo.

2.2 A reação da população pobre frente a fome e a miséria provocadas pela seca

A grande seca de 1877 a 1879 provocou uma emigração em larga escala. Após três seguidos anos sem chuvas, sem semeadura, sem colheita, os homens fugiam para não morrer da mesma forma que os rebanhos. Os imigrantes foram atraídos pelo surto da borracha na Amazônia, e mais tarde para São Paulo. É o fenômeno mais progressista que ocorreu nos sertões do nordeste nesse período.

Essa emigração em massa na realidade representa uma ruptura com o latifúndio, que torna-se desfalcado.

Contra a fome e a miséria que aumentavam com a seca, manifestaram-se dois tipos de reações por parte dos pobres do campo. Uma é a formação de grupos de cangaceiros que lutam com armas, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns nas vilas e cidades. A outra, é a formação de seitas de místicos que são comandadas por um beato ou conselheiro e têm como principal propósito implorar dádivas aos céus e remir os pecados, que são entendidos como as causas de seu sofrimento.

2.3 O banditismo: suas causas

Como acontece com quase todos os problemas sociais, o cangaço também teve as suas causas, a sua ambiência, a sua época. Situando o *habitat* do banditismo nordestino entre o vale do Cariri e o rio São Francisco, estendendo-se da serra do Quicuncá à do Martins, daí às faldas da Borborema e aos contrafortes da Baixa Verde e dos Dois Irmãos, região que aglutina as fronteiras de sete Estados – Pernambuco, Bahia, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Sergipe. Deve-se analisar o homem e o meio para, a seu modo, embora um tanto ou quanto controverso,

apontar as principais causas que originaram e alimentaram, por mais de cinco décadas, o flagelo do cangaço no chamado polígono das secas.

A complexidade do fenômeno não deixa de ser uma decorrência das causas também complexas que, sem obedecer a nenhuma lei social, caminharam, de mãos dadas, com os efeitos a tal ponto de se misturarem, num processo sociológico de interação.

O clima, a fome, o analfabetismo, a cachaça, o jogo, a falta de comunicação motivada pelo problema da distância, o sadismo das forças policiais, o poder absoluto dos coronéis chefes políticos, a injustiça social, a decadência do Tribunal do Júri funcionando como mamulengo dos poderosos, o rígido código de honra dos sertanejos, o culto à bravura e ao heroísmo, a cumplicidade do homem do campo em troca de proteção e as questões de terra foram causas que motivaram os primeiros passos dos que abraçaram a vida do cangaço.

No início do século XX, com a exceção dos fazendeiros, a maioria preponderante do povo vivia numa penúria extrema e foi desta classe que saíram muitos membros dos grupos de cangaceiros.

Não foram só as condições econômicas que causaram o aparecimento do banditismo. A fragilidade das instituições responsáveis pela lei, ordem e justiça também contribuiu de maneira significativa.

A ilegalidade e a desordem, provavelmente mais difusas nos sertões durante alguns períodos da República Velha do que em qualquer outro tempo, eram parte de um complexo de condições que foram responsáveis pelo surgimento do cangaço. As secas consecutivas naqueles anos levaram uma degradação social, provocaram um grande êxodo rural das fazendas e os fazendeiros perderam o controle exercido sobre seus dependentes. Alterações na economia causadas pela alta e a baixa do algodão, no meado do século XIX devem ser trazido sua contribuição. As secas ocorridas no final do século XIX e início do século XX contribuíram para aumentar a violência que caracterizou o cangaço.

Outras manifestações que contribuíram para a crise social daquela época, foram o messianismo e o fanatismo religioso. As duas mais proeminentes manifestações messiânicas se deram na mesma época do cangaço. A sede do primeiro desses movimentos foi a comunidade de Antônio Conselheiro, em Canudos - BA. A segunda foi Juazeiro - CE, conhecida como "Cidade Santa" do Padre Cícero Romão Batista.

Quando se fala das condições que favoreceram o banditismo naquele período, deve-se mencionar o primeiro cangaceiro de importância, Antônio Silvino. As histórias e lendas dos seus feitos, e o respeito e admiração que conquistou dos sertanejos, foram importantes na construção da concepção popular do cangaço.

Na verdade, o banditismo, fenômeno universal, existiu em todos os tempos, nos continentes, nos mares e no ar. Entre outros fatores, a ausência de repressão aos transgressores da lei possibilita o seu desenvolvimento. Os delinquentes reincidem, tornam-se profissionais, organizam quadrilhas, crescem. A sociedade sofre a sua influência. Os meios de comunicação fazem sensacionalismo, transformando-os em heróis ou monstros.

Ao banditismo no nordeste, atribuiu-se diversas causas. Entre estas, podemos citar a mestiçagem da raça, uma teoria considerada anti-social. Outras razões são aventadas, entre estas, a falta de estradas, a fome, as secas periódicas, as influências do processo bárbaro de conquista da terra, as revoluções populares, a escravidão, as

inimizades entre famílias, principalmente por motivos políticos, a falta de instrução, a escassez de trabalho, a falta de justiça, a inexistência de meios preventivos de segurança pública, o fracasso dos métodos repressivos, o banditismo político e o coronelismo.

Quando analisamos a criminalidade não podemos desconsiderar as personalidades psicopatas, criadoras de problemas, que adaptam-se mal ao meio e promovem conflitos, fazendo sofrer a sociedade.

2.4 O banditismo social

O banditismo social teve a sua base em fatos de natureza econômica e ordem social.

Jagunços, cabra, bandoleiro ou cangaceiro, era o inadaptado à civilização litorânea, o retardatário, o reacionário contra as normas de uma nova sociedade. Surgiram em grupo ao aceno de um companheiro mais terrível.

Banditismo grupalista, banditismo tribal ou familiar, banditismo social, impulsionados todos por fatores de ordem social, antropológica ou física. No quadro do banditismo do Nordeste, houve uma divisão em dois grandes grupos: o primeiro constituído pelo jagunço ou capanga que sempre figurou como bandido comum, um mercenário, ou guarda-costas, também como pistoleiro, a serviço do poder econômico nas lutas em torno de limites de propriedades entre famílias ou políticas; o segundo, formou-se com os cangaceiros que, de certa forma podem ser apresentados como “bandidos sociais” uma vez que eram apoiados pela comunidade, a qual legitimava os seus atos e colocara no fornecimento de alimentos, esconderijos e informações.

Para HOBBSAWN, um historiador social britânico, os bandidos podem ser classificados de acordo com suas características e opinião que as diferentes pessoas tinham sobre eles. Lampião foi incluído no seu estudo.¹

O historiador concentra seu interesse primeiramente naqueles bandidos que ele classificou como bandidos sociais, e que são camponeses criminosos que o povo considera heróis, em vez de criminosos comuns. São vistos como campeões da justiça, ou, pelo menos, como tendo justificativa para seus atos. Somente matam por uma causa justa, e são tidos como dignos de apoio e proteção.

Quando se pergunta se o banditismo é ou não uma forma de protesto primitivo, ou pré-político, contra uma sociedade injusta é difícil dizer se é aplicável ao cangaço brasileiro durante o tempo de Lampião.

O Cangaço teve vários e diferentes origens, uma baseada na perversidade humana, e outras, nas condições sociais extremamente injusta. Mesmo assim, não se pode dizer se tal criminalidade - quase totalmente, e sempre divorciada de qualquer desejo consciente de mudar a sociedade - foi uma forma de protesto social. Talvez seja mais importante sugerir que foi um sintoma de uma sociedade desajustada. E o autor questiona:

Há dúvidas se esta caracterização de banditismo social pode ser aplicada a

¹ HOBBSAWN, Eric. In: CHANDLER, Billy Joynes. Lampião o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p. 265.



Lampião. A preocupação com a opressão dos pobres e dos fracos pelos ricos e poderosos nunca despertou seu interesse. Ele estava preocupado principalmente com sua própria sobrevivência, e em sua luta para consegui-la, pedia e recebia a cooperação e favores, não só dos camponeses como também dos ricos fazendeiros e chefes políticos.²

2.5 Fatos do cangaço

Conta que, perto de Cajazeiras, na casa de Raimundo Luís havia uma dança e Raimundo disse: em minha casa cangaceiro não dança.

Foi o suficiente para Lampião obrigá-lo a dançar nu com a esposa. A mulher chorava e dançava. Chorava horrorizada com vergonha. Todos os convidados se retiraram. A cabroeira ficou rindo e apreciando o pagode.

Estivemos em casa de um paraibano, Miguel Teixeira, que não dava carne para os trabalhadores comer. A comida era feijão puro, mas o jirau de queijo, pingando manteiga, ficava sobre a mesa.

Lampião cortou o jirau, mandou buscar rapadura e deu ordem para os homens encherem a barriga dizendo: come mundiça, aproveita. Levou 32 libras esterlinas do fazendeiro usuário e gritou: - cabra safado, queres enriquecer à custa da miséria desses homens?

Asa Branca, exímio atirador, ganha apostas. Diz que os cabras matavam por qualquer motivo e às vezes diziam. O cano de meu rifle está ficando com teia de aranha. Lembra-se de que Lampião, quando saiu de Mossoró, esteve na Serra do Velame, Limoeiro, Serrote da Roda e em centenas de lugares. No velame perdeu vereda, Zé dos Santos e João Maceda.

2.6 Aspectos culturais vigentes

A cultura que se formava naquela época era fruto direto da condição sócio-econômica em que vivia o povo. Constituíam-se uma sociedade onde a maioria era de analfabetos, ignorantes, herdeiros de costumes, crenças e superstições e que viviam distanciados, em séculos, do mundo civilizado. Tornavam-se moldados a privações de toda a natureza e acabavam por consolar suas desgraças e desventuras em um fanatismo religioso crescente que, entre outras características, definiam-se como tementes ao fogo do inferno e protegiam-se com orações fortes, bentinhos e amuletos.

No interior do Rio Grande do Norte, onde a maioria da população era analfabeta, as credices tomaram ímpeto influenciadas pelo fanatismo religioso dos índios, dos europeus e africanos. Essa mistura de raças legou à região diversas estórias

²CHANDLER, Billy Jaynes. Lampião o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 272.

fantasiosas, como estórias de lobisomens, feitiçarias, encantamentos e benzeduras que curavam males materiais e do espírito. O costume de rezar terços e novenas se difundia e acreditava-se que davam descanso as almas penadas e impediam as visitas do capeta.

Naquela época, não havia casas-de-crédito no interior. O sertanejo, temendo roubos, guardava jóias, moedas de prata e ouro em vasos de barro cozido, e estes, eram enterrados em casas, nas paredes, no piso ou no quintal. Quando as velhas moradias eram demolidas, era comum a procura de botijas. As pessoas eram levadas pela cobiça e chegavam a sonhar com o local do esconderijo dos bens deixados pelos falecidos. Era necessário guardar segredo das revelações recebidas, as orações que deveriam ser feitas, hora da busca e outros requisitos considerados importantes para encontrar a fortuna. Se o sonho fosse contado a outra pessoa, os bens contidos nas botijas eram transformados em carvão, cinzas ou insetos.

Como consequência do costume de esconder objetos de valor, grande parte do monumento histórico foi destruído.

3 O MOVIMENTO CANGAÇO

3.1 Características do cangaço

Vivendo num meio em que tudo lhe é adverso, o sertanejo pega em armas, sem objetivos claros, sem rumos certos, apenas para sobreviver naquilo que é seu, sem que os homens das classes dominantes não saibam explicar porque ele se revoltou. Havia uma falta geral de iniciativas no interior do nordeste, inclusive de policiamento, e este quando surge para combater os cangaceiros, cometiam atrocidades contra as populações rurais muitas vezes mais hediondas do que os próprios cangaceiros mais sanguinários.

Os bandos de cangaceiros percorrem os sertões nordestinos, assaltando viajantes nas estradas, invadindo propriedades, pilhando os vilarejos e aterrorizando as populações. Em grande parte derivam de grupos de jagunços que passaram a atuar por conta própria. Desenvolvem táticas de ataque e despistamento, criam lideranças e até uma nova imagem, marcada pelo colorido vivo das roupas, pelos adereços de couro e por atos de coragem e bravura, nos constantes combates com as volantes, pelotões da polícia enviados à sua perseguição.

O cangaceiro, propriamente dito na concepção do sertanejo, não era um marginalizado perante as populações interioranas, mas sim, plenamente admirado e endeusado pelos atos de suprema coragem e violenta que davam um aspecto singular à sociologia regional.

Cangaceiro como Antônio Silvino, Lampião, Jesuíno Brilhante eram aplaudidos por todos e a própria juventude sertaneja se valia daqueles modelos de bravaria masculinidade para incentivo e exemplo de ações que deviam ser seguidas. O cangaceiro viveu na mesma categoria dos jagunços, surgindo de uma motivação de ordem sociológica, de uma atitude de coragem e desassombro diante das injustiças que sofreu na própria carne ou nas pessoas da própria família, como ocorreu com Lampião. Já que a vindita era a palavra de honra e a necessidade imprescindível, nenhuma realização melhor para o homem da época do que fazer justiça com as próprias mãos matando e assassinando o pai ou do irmão. Cometia a todo instante os crimes que eram para ele a norma natural da própria vida, pois era um homem perseguido que se julgava no direito de defender-se e matar como entendesse. A polícia por sua vez nem sempre se distanciava da mesma prática, e por isso mesmo, em muitas ocasiões implantou o terror por motivo que só os estudiosos do assunto poderiam analisar com critério científico. A ignorância do policial da época era tamanha que, por mais digno que fosse o indivíduo, nem sempre sabia orientar com acerto as suas decisões, além da desvantagem tremenda para a manutenção própria, a falta de transportes, usando o cavalo para viajar dezenas de léguas, sem condições de trocar o animal cansado como faziam os cangaceiros, sem dar nenhuma satisfação ao legítimo dono.

Os cangaceiros, particularmente do grupo de Lampião, tinham melhores condições de vida e dispunham de bom regime alimentar, dadas as facilidades que encontravam em cada pouso, a hospitalidade costumeira e dinheiro franco, porque ninguém se negaria a fornecer o que os cangaceiros pediam, sob pena de perder a própria vida.

O sertanejo acha ainda hoje que não se deve julgar Lampião pelos crimes que cometeu, mas pelas atitudes que tomou em represália ao que fizeram com seus familiares, pois assim não tivesse procedido, seria um indigno a ser condenado pela posteridade.

Diversos aspectos eram levados em consideração para que alguém se tornar um cangaceiro, entre estes, pode-se enumerar a empatia que tivesse pelo movimento, principalmente associados a algum tipo de injustiça sofrida. Outros critérios também eram considerados, como o fato do pretense candidato a cangaceiro nunca Ter sido preso, bem como, não ser ladrão ou muito falador. Além disso, o indivíduo devia demonstrar valentia e coragem para enfrentar as mais diversas situações, e ainda, quando do uso de armas, ser hábil e ter boa pontaria. A obediência ao chefe do grupo era critério fundamental e os outros cangaceiros deveriam ser considerado como irmãos.

3.2 Hábitos e costumes

O grupo fumava. Soltava fumaça de cigarros “Selma”, “Caxias”, “Iolanda” e “Boa Idéia”, cigarros em uso na época. Fumavam também cigarros de palha, cachimbo e charutos. Desde o início da organização dos bandos, os cangaceiros jogavam. Jogavam partidas de “suecas”, “três sete”, “trinta e um” e “sete e meio”. Vinham das cidades e vilas jogadores astutos e profissionais, jogavam com Lampião até o dia amanhecer. Ganhavam do bandido grandes quantias. As apostas atingiam a soma de 700 mil reis. Serviam de pano verde as lajes de pedra, as fichas eram as balas das cartucheiras.

Os cangaceiros andavam montado, quando pretendia encurtar o caminho, entrar nas cidades, ou quando perseguido. Nos anos de 1934 a 1938, Lampião deixou de andar montado, porque chamava atenção.

De 1932 a 1938 o bando deixou de enfeitar os chapéus e os canos dos fuzis de fitas nº 2. Passaram a enfeitar com medalhas de ouro e prata. Existem várias fotografias dos cangaceiros, porque apreciavam imensamente tirar retratos. Armavam redes à sombra das árvores. Dormiam ao relento, nas veredas, à beira dos riachos, nos oitões e terreiros das casas, nos lajedos e nas furnas. Nas furnas, acendiam fogo para se aquecerem, varriam, ensarrilhavam as armas, molhavam o chão, armavam redes e descansavam. O sono do cangaceiro em lugar suspeito, visitado pela polícia, era um sono perturbado e bastante interrompido. Acordavam sob o menor ruído. Sentinelas postados em lugares estratégicos guardavam o grupo, enquanto outros faziam a ronda, acompanhados de dois cachorros, que pressentiam qualquer perigo, ou a aproximação da polícia, como adestrados cães policiais. Viviam assombrados. Olhavam com atenção por trás dos trincos das árvores e das pedras.

3.3 Vestuária

A roupa usada no cangaço era de fazenda grosseira, mescla e alvorada. Dadá, mulher de Corisco, era a figurinista. Os bandidos usavam calças de algodão riscado, brim, lenços verdes e vermelhos, chapéus de couro batido, enfeitados com desenhos grotescos, cruzeiros, signos de Salomão, medalhas, fitas, estrelas, botões de

madrepérola, ilhoses coloridos. O chapéu de Lampião e de alguns cangaceiros era de couro batido de veado. Bornais, alforjes, cintos e cartucheiras cruzadas apresentavam bordados em linha vermelha. O lenço de Lampião e suas roupas eram bordados com as iniciais C.V.F.L.

3.4 Higiene

As casas eram de taipa. Choças miseráveis, cobertas de telhas ou palhas de ouricuri. As portas escoradas e fechadas com “tramelas” não ofereciam nenhuma segurança.

Os sertanejos repousavam nas camas, simples jiraus de varas, couros secos de boi, redes e esteiras espalhadas nos “vãos” (compartimentos sem portas).

Nas salas, tamboretos e bancos de pelar porcos. Cozinhavam com gravetos e garranchos, em panelas de barro e trempes. Não dispunham de sanitário, nem o conheciam. Defecavam e urinavam atrás das moitas, ou mesmo nos descampados, e se limpavam com as folhas.

As mulheres tentavam lavar o corpo, a água porém era por demais preciosa. Em primeiro lugar, urgia matar a sede. Por onde passavam, sentia-se o cheiro de bodes, exatamente porque passavam vários dias sem tomar banho. O asseio individual quase não existia no cangaço. A escova de dente era pouco usada. Para tirar o limo que se acumulava nos dentes, eles usavam retalhos de fazenda enrolados nos dedos e folhas de juá. O cangaceiro geralmente não lavava roupas. Usava 3 ou 4 calças, uma por cima das outras. Quando rolavam no chão, nos tiroteios, correndo, ou mesmo deitados, ficavam sujas. Tiravam a primeira vestimenta suja, ficando a Segunda limpa e, assim sucessivamente, até a última.

3.5 Danças e cantigas

Dançavam, cantavam e tocavam para valer, desde que se sentissem com segurança nos ranchos, sítios, fazendas e vilas.

Improvisavam bailes, dançando com as moças, respeitando-as quando queriam. Tornavam parte nos festejos de casamentos, como ocorreu no sítio “Tatu”, Estado da Paraíba, Lampião dormiu com a noiva e ordenou que os convidados dançassem despidos.

Dançavam em círculos.

O xaxado era a dança típica do folclore heróico do cangaceiro nordestino. Exibido em demonstração públicas nas capitais, observa-se o simples bater das alpercatas com alguns passos.

O cangaceiro inclinava o pé esquerdo e fazia o laço. O passo amiudava e, com o pé esquerdo, desfazia o nó. O hino de guerra conhecido por “Mulher readeira” foi composto por Lampião, no cangaço, inspirado na almofada da sua avó, D. jacosa.

Em 1923, Lampião compôs “Mulher readeira”. Ecoando nos sertões de sete Estados do Nordeste brasileiro, significativo, entradas, retiradas, vitórias, derrotas, revoltas e tiroteios. De arma em punho, mãos calejadas, unhas enegrecidas pelo constante uso do fuzil mauser, eles dormiam, dançavam e cantavam.

3.6 Os cabras cantavam o cangaço

Mulher Rendeira

Olé Mulher Rendeira
 Olé Mulher Rendá
 Tu me ensina a fazer renda
 Que eu te ensino a namorar.

Olé Mulher Rendeira
 Olé Mulher Rendá
 Olhou prá mim não fica
 Soluçou vai prô borná.

As moças de Vila Bela
 São pobres mais tem ação
 Passam o dia, na janela
 Namorando Lampião.

Lampião subiu a serra
 Lampião desceu ladeira
 Procurou môça bonita
 Cantando Mulé Rendeira.

O rifle de Lampião
 Tem cinco laços de fita
 Lampião só para em casa
 Onde tem moça bonita.

Minha mãe me dê dinheiro
 Prá comprá um cinturão
 Prá vivê de cartucheira
 No bando de Lampião.

Ó mulé rendeira
 Rendera do Ceará
 Quem quisé môça bonita
 Mande o Lampião caçá.

O Ceará tá de luto
 Pernambuco de sentimento
 Alagoa de porta aberta
 Lampião xaxando dentro.

As môças de Custódia
 São feias mas tem ação
 Botam queijo e rapadura,

No borná de Lampião.

As fôrças de Pernambuco
São um bando de urubu
Perseguindo Lampião
Que é fio do Pajeú.

A mulé do seu Leopoldo
É muié trabaiadeira
Passa a noite trabaiando
De manhã já vem pra feira.

Toada

Ôh! Ôh! Mulé Rendeira
Ôh! Ôh! Mulher Rendá
Chorou por mim não fica
Soluçou vai no borná.

Meu galo de campina
Que canta mais do que eu
Vai dizer em Vila Bela
Que Cícero Costa morreu.

Ôh! Ôh! Mulé Rendeira
Ôh! Ôh! Mulé Rendá
Chorou por mim não fica
Soluçou vai no borná.

Só não vai no meu borná
As que eu não vejo chorá.

Cícero Costa morreu
Batista sepultou
Tubiba foi baleado
Meia-noite desertou.

Fui a Ponte do Poço
A casa de João Toinho
Mataram meu Cacheado
Quase que matavam a mim.

Na casa de João Toinho
Só vivem na falsidade
Me cobriram de tiro
Mataram meu Cacheado.

Mulé cadê a renda
Qui mandei encomendá?

Fui a Ponta do Poço
Voltei encabulado
Fui matar João Toinho
Matei foi um soldado.

A morte de Cacheado
Eu vingo se Deus quiser
Vou mandar chamar Baliza
Coqueiro e Zé Dedé.³

³ OLIVEIRA, Aglae Lima de. Lampião, cangaço e Nordeste. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1970, p. 183-5.

4 O CANGAÇO NO RIO GRANDE DO NORTE

4.1 As causas

Não deferindo das demais regiões do Nordeste, o cangaço no Rio Grande do Norte, teve como precedente o domínio da terra por grupos privilegiados, os latifundiários, e dessa forma, os trabalhadores dessas grandes fazendas viviam numa condição submissa onde não haviam garantias econômicas ou legais. Dessa forma, além das condições econômicas, a inoperância no âmbito da lei, ordem e justiça, contribuíram de forma significativa para o surgimento do banditismo.

4.2 A presença de Jesuíno Brilhante

Nascido em Patu, estado do Rio Grande do Norte, Jesuíno Brilhante foi o primeiro cangaceiro potiguar. Na verdade, não era considerado um bandido na essência da palavra, mas sim, como um homem participante do cangaço. O cenário de sua atuação foram os municípios do interior dos estados do Rio Grande do Norte e Paraíba.

Era considerado um cangaceiro cavalheiro, uma vez que, diante de uma grande seca, ocorrida em 1877, assaltava comboios de mantimentos do Governo do Rio Grande do Norte e distribuí os alimentos entre os pobres, e dessa forma, ganhava popularidade.

Tornou-se admirado na região Oeste do Rio Grande do Norte, onde visitou Mossoró, Martins e fazendas sem praticar desordens.

4.3 As investidas de Antônio Silvino

Nasceu a dois de novembro de 1875, em Afogados da Ingazeira, no estado de Pernambuco, à margem do rio Pajeú das Flores.

O seu verdadeiro nome era Manoel Batista de Moraes. Filho de Pedro Batista de Almeida, conhecido como Batistão, e D. Balbina de Moraes. Tinha três irmãos: Higino, Zeferino e Francisco. O seu pai era um homem de letras, delegado. Criou fama de valente em virtude de ter fuzilado um pistoleiro que veio matá-lo.

Após certo tempo, ocorreram mudanças na política e o Coronel Luiz Antônio, usando de seus poderes, mandou o delegado prendê-lo. Reagindo à prisão, Pedro Batista foi morto à bala por Desidério Ramos.

Aos 21 anos, conhecido como Né Batista, numa atitude de vingança, matou o sobrinho de um dos assassinos de seu pai e o rapaz que o acompanhara. Dessa forma, iniciava sua carreira de crimes. Logo depois, matou também o sub-delegado.

Juntamente com Zeferino, entrou no bando de um parente seu, Silvino Aires, em busca de justiça.

Silvino e seu bando atuavam na Paraíba. Pouco tempo depois foi preso e foi substituído no comando do grupo por Mansidão que veio a falecer em combate. A partir daí, Né Batista assume o comando e passa a se chamar Antônio Silvino continuando sua vida criminosa, onde exigia dinheiro e alimentos dos fazendeiros, atacava inimigos, assaltava povoados, combatia com a polícia, crescendo assim os seus delitos.

Em 1900 já era famoso e isso instigou a reação das forças dos estados da Paraíba e Pernambuco.

Aos 27 dias do mês de janeiro de 1901, ocorreu a primeira incursão de Antônio Silvino no Rio Grande do Norte. Fugiu da Paraíba em virtude de represálias. Em Vila de Santa Luzia do Sabugi, solicitou do vigário Juvino Machado, que fizesse uma coleta entre os paroquianos. Em seguida, partiu rumo ao Sítio Poção, próximo ao Rio Grande do Norte. Depois dirigiu-se para a Fazenda Pedreira. Ao amanhecer, passou pelo povoado de São João do Sabugi onde hospedou-se na casa de Manoel Amâncio. Juntou a quantia de duzentos mil réis e seguiu caminho.

Antônio Silvino nunca foi perverso. Se praticou alguns excessos, foram consequências naturais da própria vida que levava. Muita gente enriqueceu à sombra protetora do “capitão” Antônio Silvino. Resolveu, embora na ponta do punhal do gatilho do bacamarte, questões de tema e de famílias, procurando favorecer os oprimidos e espoliados pela prepotência dos poderosos “coronéis”. Era homem decidido e de muita força de vontade. Na prisão, converteu-se à religião protestante e durante o tempo em passou na cadeia, foi uma espécie de líder dos presos, que o respeitavam muito. Os administradores da detenção do Recife, também tratavam Silvino com certo respeito e atenção, que ele impunha pela lisura dos seus atos.

4.4 Lampião: o expoente do cangaço

Virgulino Ferreira da Silva, o mundialmente conhecido Lampião, nasceu a 7 de Julho de 1897, na pequena fazenda de seu pai, a Ingazeira, no sopé da Serra Vermelha, em Vila Bela (hoje Serra Talhada), no sertão de Pernambuco.

Fisicamente, tinha cerca de 1,70 m de altura, tipo amulatado, compleição rígida e era cego do olho direito. Sua canga era composta, além das armas habituais, de carne assada, charque, bolachas e café, pedaços de queijo e rapadura, misturados a farinha de mandioca. Conduzia ainda algodão, tintura de iodo, casca de juá e aguardente alemã. Papel e lápis, além de muito dinheiro. Todos esses apetrechos “canga” chegavam a pesar mais de 20 quilos, o que demonstrava a resistência de quem os conduziam, em longas caminhadas de léguas e léguas e durante tantos anos.

Em sua aparência externa, tinha os dedos cheios de anéis e ao pescoço lenço de cores berrantes, preso por valioso anel de doutor em Direito. Usava chapéu de couro, de aba levantada na frente e ricamente ornamentado com moedas de ouro e prata. Gostava de perfume e bebida moderadamente, de preferência conhaque. Seu apelido de Lampião, foi-lhe dado logo no início de sua vida de bandoleiro, resultante da habilidade no uso da espingarda, ao produzir continuados clarões, à noite.

Teve quatro irmãos e apenas um deles não se dedicou ao cangaço, foi o de nome João, que preferiu adotar vida pacata e ordeira.

Virgulino, ainda adolescente e antes de se tornar cangaceiro, ganhava a vida, juntamente com seu pai e os irmãos mais velhos, Antônio e Livino, como almocreve, tangendo tropa de burros e conduzindo mercadorias de Pernambuco para Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte. Os irmãos mais moços chamavam-se João e Ezequiel, este, o último a ingressar no cangaço, em 1927.

Virgulino foi também artesão em trabalhos de couro, destemido vaqueiro e exímio tocador de sanfona.

Brigas entre famílias vizinhas, de 1917 a 1920, como a de José Saturnino, por questão de terra e de gado, bem como a morte de seu pai, já em Mata Grande, para onde se transferira a família, provocada pelo então tenente José Lucena, da polícia alagoana, determinaram o surgimento da figura do grande bandoleiro e cujo comportamento, de início considerado apenas como de vingança, 1920 à 1925, transformar-se-ia depois, pela ambição e desvario de seu protagonista, como de pleno domínio, 1926 à 1938, dos sertões aterrorizados do Nordeste brasileiro, da Bahia até o Ceará, numa área de abrangência de 273.000 quilômetros quadrados. Lampião chegou a cognominar-se, ousadamente, de o “Governador do Sertão”.

Lampião, por sua vez, escapando dos cercos das tropas, entrava nos povoados cantando com orgulho:

Meu nome é Virgulino
Me tratam por Lampião
Agora com a revolta,
Sou interventô do sertão.

Já mandaram contra mim
Metrataidora e canhão
Agora tou esperando
O tão falado avião.⁴



Durante esses períodos, comandou ele cerca de 300 cabras de modo indireto, divididos em sub-grupos e 120 diretamente. Praticou as maiores atrocidades, matou, estuprou, assaltou, saqueou e incendiou inúmeras fazendas. Enfrentou, em consequência, os mais renhidos combates com as volantes que sempre o perseguiram. Tinha, no entanto, uma personalidade contraditória. Perdoava suas vítimas, às vezes, ao saber de seus impulsos momentâneos ou de acordo com as circunstâncias.

Era inegavelmente inteligente, astucioso, introvertido e de acentuado misticismo. Costumava dizer: - “Quando eu aponto minha arma prá alguém, só mato se Deus quiser, porque se Ele não quiser, eu erro a pontaria”.

Lampião matou muita gente, mas, por ironia do destino, não conseguiu matar seus dois mais rancorosos inimigos, o seu conterrâneo José Saturnino e o tenente José Lucena, da polícia alagoana e considerados ambos, segundo ele, os causadores de sua vida de cangaceiro.

A história do reinado de Lampião começa quando este herda, em 1922, os homens do bando de Sinhô Pereira e Luis Padre. Nesse mesmo ano, ataca a Baronesa de Água Branca, D. Joana Vieira da Siqueira, roubando seus bens. Este ataque à propriedade da baronesa causou grande repercussão na imprensa. Em outubro, morte encomendada, destino: Luís Gonzaga Gomes Ferraz. Criou-se um mito!

Muitas são as histórias atribuídas a Lampião e seu bando, sendo grande parte verídicas e outras nem tanto.

Lampião era muito religioso. Nos acampamento rezava o ofício, espécie de missa. Carregava livros de orações e pregava fotos do Padre Cícero na roupa. Chegou

⁴ OLIVEIRA, Aglae Lima de. Lampião, cangaço e Nordeste. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1970, p. 244.

a deixar donativos nas igrejas onde invadiu. Excetuando-se aí a de São Bendito. “Onde já se viu negro ser santo”. Mostrando aí seu racismo.

Os versos enalteciam Lampião:

As forças de Pernambuco
São uns bandos de urubu
Perseguindo Lampião
Que é filho do Pajeú
Trazê-lo vivo ou morto
Vestido pelado ou nu.

A mulé do seu Leopoldo
É mulé trabaidera
Passa a noite trabaiano
De manhã já vem pra feira.

O lugar por onde passa
O bando de Virgulino
O sacristão fa igreja
Vai logo batendo o sino.

Lampião estava dormindo
Acordou com dor de dente
Avistou uma baraúna
Pensou que era o tenente.

Vem chegando Mané Neto
Sargento Mané Fumaça
Eu atiro nos teus peito
E dou-te um bando de cachaça.⁵

O que se fala de Lampião que respeitava as mulheres não é bem verdade. Segundo consta, em 1926, num lugar chamado Santa Fé – PB, ele deu início ao estupro coletivo da mulher de um delegado, eram vinte e cinco homens.

A grande e única paixão de sua atribulada vida foi a baiana Maria Déa, que, abandonando o sapateiro José Neném, em 1930, foi viver com o já famoso bandoleiro e que por isso celebrizou-se como Maria Bonita do cancionero nordestino. Desse enredo amoroso nasceu Expedita, criada anonimamente por coiteiros e hoje residente em Aracajú. Uma coisa o cangaceiro não suportava e nem perdoava, a traição. E foi, ironicamente, uma traição causada pelo coiteiro Pedro Cândido, que matou Lampião, sua Maria Bonita e mais nove de seus companheiro.

Em 1938, Lampião fez uma incursão no agreste alagoano, escondendo-se depois no estado de Sergipe. A polícia de Alagoas fica sabendo do esconderijo de Lampião e uma volante comandada pelo Tenente Bezerra, conduzindo inclusive

⁵ Id. Ibid; p. 214-5.

metralhadoras portáteis, cerca o bando. Com a morte de Lampião no combate, muitos cangaceiros fogem. Onze cangaceiros foram mortos na gruta de Angico, incluindo Maria Bonita. As cabeças foram cortadas e expostas ao público.

Há controvérsias com relação a morte de Lampião. Segundo o fotógrafo mineiro José Geraldo Aguiar, Lampião não morreu em 1938, aos 41 anos, como está escrito nos livros de História. Ele teria morrido sim em 1993, em Minas com o nome de Antônio Maria da Conceição.

Tendo o pedido de exumação negado pela justiça, José Geraldo Aguiar aguarda o julgamento de um novo processo que apresentou.

4.5 Lampião e a Coluna Prestes

O Presidente Artur Bernardes influenciou o Dr. Floro Bartolomeu para ir ao Juazeiro e convencer o padre Cícero e os beatos, e abrigarem contra Prestes. Os romeiros foram poupados pelo padre e, em seu lugar, Floro contratou os bandidos. Existem controvérsias. O importante é que Lampião foi ao Juazeiro nessa época, quando foi incorporado às tropas legalistas em perseguição a Coluna Prestes, em 1926. Em visita ao Padre Cícero, a chamado deste, recebeu a patente de Capitão, a fim de combater a Coluna Prestes, o que não aconteceu ao saber Lampião da desvalia de tal patente, beneficiando-se, entretanto, dos armamentos e muito dinheiro que lhe foram dados. Obtém a bênção do Padre Cícero, a quem promete regenerar-se, e segue seu destino. Mas se escolhe um caminho, é qualquer outro que o distancie do combinado. Jamais procurou entrar em contato com a Coluna Prestes. Seja pela fama de valor de seus componentes, seja pela popularidade que desfrutava o seu comandante, ou mesmo pela repercussão de seus feitos às populações rurais, o fato é que Lampião não cumpriu seu compromisso com Padre Cícero Romão Batista. Vaidosamente, porém, ostentou a falsa patente até a sua morte.

Ao ser promovido e incorporado ao Batalhão Patriota, Lampião encontrou a Coluna no sítio Rochedo, entre Vila Bela e Floresta do Navio. O cangaceiro-chefe, certo de que era a polícia, acreditando que fossem soldados em sua perseguição, ou em perseguição de Prestes, abriu fogo. A passagem da Coluna Prestes era interminável. Os revoltosos acampavam à noite no mato, nas fazendas e nos riachos. Contornaram a garganta da Serra Verde e cruzaram o Cariri.

O exército, a polícia e o Batalhão Patriota iam e vinham pelas veredas em combate à Coluna. Prestes desistiu do Ceará e atravessou a Bahia, nas imediações de Jatobá. O Coronel João Nunes comandava uma tropa de cavalaria e infantaria. Seguiu para Custódia e posteriormente, pretendia estacionar em Vila Bela. O Coronel João Nunes fez vários prisioneiros. Todos eram jovens. Lampião estava nas imediações com seus homens fardados e bem municiados, porém, não combateu contra Luís Prestes. A participação de Lampião contra a Coluna foi mínima. Lampião compreendia que a sua incorporação ao Batalhão Patriota não passava de uma farsa muito bem ensaiada. Os coiteiros avisavam que ele tinha sido traído pelo governo. Não o reconheceriam como capitão e, se ganhassem a revolução, ele não teria anistia ou perdão. Lampião pretendia voltar ao Juazeiro, para um entendimento pessoal com o padre Cícero. As estradas, porém, estavam repletas de tropas do exército e da polícia. O bandido desistiu em Bom Nome da Ribeira do Pajeú. Lampião ocultou-se em Pedras de Fogo, enviando coiteiros para obter informações sobre a situação de Prestes e do País.

Lampião continua no banditismo, agora com mais homens e reforçado pelo próprio Governo. Em Floresta (PE), mata 13 pessoas de uma mesma família. A polícia no encalço de Lampião, cai em emboscada na cidade de Serra Talhada.

4.6 Revolução de 1930

O País continuava na fase política difícil no quadriênio de 1926 a 1930. Realizavam-se fraudulentas eleições feitas pelos “coronéis”, imperando o “voto de cabresto”.

Gerou-se o “Tenentismo” entre jovens oficiais. Desejavam reformas. O Brasil teve a mais importante das revoluções em toda a sua história. A sucessão presidencial apresentaram-se Júlio Prestes, Getúlio Dorneles Vargas e Antônio Carlos.

Era Júlio Prestes, governador do Estado de São Paulo, simpático ao Catete, tinha sido líder do Governo na Câmara Federal. Vargas tratou de serenar os ânimos dos grupos políticos no Rio Grande do Sul, formando uma “Frente Única”. Antônio Carlos contava com o poder econômico do Estado de São Paulo e de Minas Gerais. Em torno do nome de Getúlio Vargas agruparam-se as forças de oposição e focos políticos, rebeldes políticos dominaram Minas e Rio Grande do Sul. João Pessoa era candidato à Vice-Presidente.

Realizaram-se as eleições. O resultado foi favorável a Júlio Prestes e Vital Soares. A revolução explodiu vinte dias antes de terminar o mandato de Washington Luís. O Congresso foi reaberto no dia 3 de maio. Ocorreram sérias divergências políticas entre a oposição e o governo. Nessa altura, em plena confeitaria no Recife, foi assassinado por questões políticas o governo da Paraíba, João Pessoa. Sua morte provocou grande impacto emocional em todo o país. O quartel de Porto Alegre foi tomado por apenas 50 homens, no dia 3 de outubro de 1930. Minas e Paraíba aderiram.

Estácio Coimbra, então governador de Pernambuco, fugiu um rebocador. Todo o Norte e Nordeste em poder dos revolucionários. Juarez Távora, à frente, seguiu destino a Alagoas, Sergipe e Bahia. O Presidente Washington Luís foi deposto, após a chegada das tropas sob o comando de Getúlio Vargas, em Santa Catarina e no Paraná. Foi composta pelos Generais Mena Barreto, Tasso Fragoso e Almirante Isaias Noronha a Junta Pacificadora. Getúlio Vargas assumiu provisoriamente a Presidência da República na qualidade de delegado da revolução, em nome do Exército, da Marinha e do Povo.

4.7 O motivo do ataque a Mossoró

A decisão de atacar Mossoró, a cidade mais importante do interior do Rio Grande do Norte foi, afinal de contas, um erro. No início de junho de 1927, Lampião teve a idéia de assaltar uma nova região, pois suas ações nos estados de Pernambuco e Alagoas sofriam interferência da polícia. Não resolveu atacar o Ceará devido ao fato de ter feito um acordo informal com as autoridades de lá e pelo respeito que tinha pelo Padre Cícero. Restava o Rio Grande do Norte.

Há duas versões que tentam explicar a escolha de Mossoró para o ataque:

A primeira, a de um cangaceiro do grupo diz que a convite de um outro cangaceiro, Massilon Leite, que tinha seu próprio bando, e já havia atacado o Rio Grande do Norte e era considerado por Lampião como pessoa de confiança. A segunda versão diz que o assalto foi planejado pelo Coronel Isaias Arruda, que era chefe político do Cariri, que dava proteção a Lampião e a outros cangaceiros. Inicialmente Lampião recusou o convite, pois segundo ele, Mossoró era grande demais e não havia homens o suficiente no seu grupo para fazê-lo. Foi então que Arruda ofereceu sua ajuda para que pudesse recrutar mais homens, fornecer armas e munições além da promessa de uma quantia considerável em dinheiro.⁶

Atendendo ao convite de Massilon ou ao oferecimento de Arruda, Lampião preparou-se para atacar Mossoró.

Como os demais municípios do interior, grandes e pequenos, foi também dominado pelo caudilhismo, pelos “coronéis” chefes políticos, homens do poder econômico e social, que se tornavam verdadeiros senhores patriarcais, criando em sua volta vasto círculo de protegidos. Eram os donos dos votos e da própria vontade do povo, que obedecia e os seguia cegamente. Governadores e deputados sofriam a influência do prestígio dos “coronéis”, cuja força sustentava sua posição.

Em Mossoró, mandavam os Rosado Maia, os Fernandes e outros de menor escala.

Os chefes políticos, fazendeiros, senhores de engenho e comerciantes, conservavam, sob suas ordens um grupo de homens de confiança, os chamados cangaceiros mansos, aqueles que não andavam em bando, matando e assaltando, mas eram hábeis no manejo do rifle e punhal. Naquela fase da vida brasileira, chefe político no interior que não tivesse seus “cabras” à mão, para qualquer eventualidade, não podia manter sua força nem impor respeito. O aparelho policial era precário e esse mesmo o governo empregava no apoio do “coronel” que o prestigiava. Nos próprios capitais, inclusive na sede da República, os chefes políticos mantinham seus bandos, formados de velentões “capoeiras” e desordeiros. Ficaram na história política do antigo Distrito Federal os homens do cravo vermelho à lapela, que faziam arruaças, empreitados pelos amigos políticos do presidente Artur Bernardes.

Havia muitas vezes, choques sangrentos entre os “cabras” dos “coronéis” adversários, quando esses encontros não se feriam com os próprios soldados do governo, ajudados pelos “cabras” do chefe político da situação, perseguindo o “coronel” pertencente à oposição.

⁶ CHANDLER, Billy Jones. *Lampião o rei dos cangaceiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 107-8.

Mossoró, com toda a força dos seus chefes políticos e com todo o prestígio de importante centro comercial, recebeu, um dia, um aviso do próprio Lampião de que iria atacar a cidade. Virgulino prometeu e foi. O velho Jerônimo Rosado, prefeito, o prefeito Rodolfo Dantas e outros chefes locais, organizaram a resistência

4.8 O bando de Lampião em Mossoró

No dia 9 de junho, Lampião preparou-se junto com seus homens e saíram de Aurora, onde estavam acampados, para a Paraíba, avançando em direção ao norte. Chegaram no Rio Grande do Norte no dia seguinte à tarde. Nesse trajeto roubaram e tocaram fogo em diversas fazendas, além de fazer alguns prisioneiros, pelos quais pediram resgates. Entre estes estavam D. Maria José Lopez, 63 anos e o Coronel Antônio Gurgel, um comerciante importante.

4.9 O primeiro êxodo da população

A marcha era célebre sobre Mossoró, cujo ataque, portanto, devia se dar às 4 horas da manhã, hora preferida pelo bando de Lampião para maior pânico aos habitantes. A distância de 37 quilômetros podia ser muito bem vencida, dadas as possantes montarias em que vinham os bandoleiros. A estrada de ferro que mantinha as suas locomotivas de fogo aceso, pôs logo à disposição do povo o seu transporte para Porto Franco e Areia Branca.

Organizaram-se os trens assistidos pessoalmente pelo Cel. Saboia Filho que ofereceu, gratuitamente, sendo o último a sair da estação quase três horas da manhã. Não podemos calcular que número de pessoas tomou passagem nestes comboios. Enquanto isso, pelos outros pontos da cidade, o êxodo de pessoas, entre crianças, velhos, doentes, mulheres, bem como de toda sorte de veículos de que puderam lançar mão, foi triste e doloroso. Os subúrbios, arrabaldes e lugarejos mais próximos da cidade não puderam acumular todo o povo, tendo gente procurando o próprio mato para se ocultar.

Tivemos de contar em míseros casebres, em moradas distantes meia légua da cidade, mais de oitenta pessoas, havendo famílias inteiras que não conduziram senão a única roupa do corpo.

A medida que a notícia de que Lampião e seu bando se aproximava de Mossoró corria, as famílias ricas começaram a mandar as esposas e filhos para as fazendas no litoral. Os homens trabalhavam preparando a defesa da cidade, ao mesmo tempo em que os cangaceiros acampavam perto de uma estação ferroviária que tinham ateado fogo.

Os cangaceiros que acamparam em Mossoró foram: José Leite de Queiroz (Jararaca), Colchête, Massilon, Ezequiel, Virgínio, Chumbinho, José Delfino, Luís Pedro de Retiro, Manuel Antônio de Bom Nome, Ás de Ouro, Menino de Ouro, Candeeiro, Serra de Monte (Velho), Serra do Mar, Vicente Feliciano (Rio Preto), Luís Sabino (Moço), Fortaleza, Moreno, Euclides, Beija Flor, Piauí, Quindu, Bom Nome, José de Souza (Tenente), Riacho do Navio, Trovão, Caminho, Serra do Mato, Antônio

dos Santos (Ceará), Maneca do Pajeú, Bem-te-vi, Dois de Ouro (Rico), Jurema de Medeiros, Medeiros de Sabuji, Sabiá, Cariri, Pinga-Fogo (Ceará), José Relâmpago, Vinte e Dois, Antônio Cacheado, Chá Preto, Barra Nova, Serra do Monte, Pai Velho, ex-cangaceiro dos Carvalhos e dos Piranhas, Mergulhão (Pajeú), Coqueiro (Ceará), Vereda, irmão de Candeeiro, Patrício e outros.

No dia do ataque, Lampião deu instruções a Gurgel, um prisioneiro, para escrever ao chefe político de Mossoró informando que seu bando se aproximava da cidade para o ataque e que era constituído de 150 cangaceiros, quando na verdade eram apenas uns 60. Exigiam uma quantia de 500:000\$000 em troca da paz na cidade.

Esperaram até a tarde quando o prefeito mandou informar que não enviaria o dinheiro e que estavam preparados para recebê-lo.

Um grupo calculado entre 150 a 300 homens, constituído de policiais e outros habitantes da cidade estava distribuído nos pontos estratégicos, como a prefeitura, estação ferroviária, telégrafo, escola, um hotel, residências e casas comerciais, torres das igrejas. Estavam bem equipados com armas e munição compradas por meio de uma subscrição pública.

No dia 13, mais ou menos às 4 da tarde, os cangaceiros atacavam, mesmo com alguns membros do bando tendo dúvidas com relação ao sucesso do empreendimento, em virtude de toda a preparação da cidade para resistir ao ataque, bem como, pela própria localização geográfica da cidade em uma região de planície, onde não havia a proteção das colinas a que era acostumado. Ao entrar nas áreas de ataque, o bando de cangaceiros fazia arruaças e muito barulho:

Ao som de uma corneta e sob o barulho de trovões, entraram na cidade a pé, divididos em grupos. Gritavam e cantavam "Mulher rendeira". Abriram fogo contra diversos pontos protegidos pelos habitantes da cidade. Após 30 minutos, sem conseguirem quebrar a defesa, um grupo tentou atacar a prefeitura, mas foram recebidos com balas que partiam da torre de uma igreja e de diversos outros pontos.⁷

O grupo bateu em retirada, deixando um ferido na rua que foi logo fuzilado pelos defensores da cidade. Um outro grupo tentou invadir a estação ferroviária mas também não foi bem sucedido. Em pouco tempo os cangaceiros foram forçados a se retirarem da cidade, pois o plano escolhido não tinha dado resultados satisfatório.

Nessa investida Lampião perdeu de 5 a 6 de seus homens, apesar de só ter se constatado a morte de 3. Um dos homens mortos, conhecido por Jararaca, um dos cangaceiros mais temido, morreu em circunstâncias muito misteriosas. Ele tinha 26 anos e desertara do exército para se juntar ao grupo de Lampião. No dia seguinte ao ataque, Jararaca foi preso e interrogado. Discutindo a ataque a Mossoró, apontou diversos supostos protetores do bando, entre eles, o Major Teófanos Torres, da polícia de

⁷ Id. Ibid: 110.

Pernambuco, com o qual, segundo ele, Lampião tinha feito um trato: Lampião não tocaria nas propriedades de Teófanes, e este, não perseguia Lampião. Após obter as informações de Jararaca, a polícia colocou-o num carro dizendo que iam levá-lo para ser medicado na cidade. Depois informaram que ele tinha morrido no caminho. Na verdade, em Mossoró, fontes dignas de confiança informaram que a polícia levou-o para o cemitério onde foi morto e enterrado.

Ao sair da cidade, Lampião e seus cangaceiros, juntamente com seus reféns, partiram a cavalo em direção ao Ceará. Segundo um dos reféns, Lampião e outros do bando, voltaram da cidade em pânico. Um outro refém disse que Massilon assumiu o comando da retirada, visto que Lampião não estava em condições de fazê-lo.

Em Mossoró, as cartas estavam contra ele, como imaginara, mas, ou para proteger sua reputação de cangaceiro, desafiou a sorte e perdeu em Mossoró, o empreendimento mais ambicioso e o mais imprudente de sua carreira, fora um erro.

4.10 O ataque a Apodi

O ataque foi chefiado pelo cangaceiro Mormaço, corneteiro do bando. A 10 de junho, às 3 horas da tarde os bandidos forçaram a casa do prefeito dessa cidade, com a intenção de matá-lo. Furtaram jóias e dinheiro. O vigário Benedito Basílio Alves pedia clemência com o crucifixo à mão.

Incendiaram repartições públicas. Roubaram a loja da firma Pinto e Cia. Jogaram na via pública dezenas de peças de fazenda. Em altas vozes, chamavam a pobreza para se vestir. Em Vitória, queimaram um automóvel, no qual viajavam dois soldados.

Durante toda a noite os civis cavaram trincheiras. Desencadeou-se um tiroteio de curta duração. Antes da luta, notaram a aproximação de pessoas estranhas disfarçadas.

4.11 O ataque a Pau dos Ferros

Os cangaceiros atacaram Pau dos Ferros e prenderam o proprietário do sítio Fazenda Nova. Em Caiçara, o tenente Napoleão agra sustentou o fogo contra os bandidos durante uma hora. Nesse combate o grupo abandonou o campo da luta, foram presos dois cangaceiros. As linhas telefônicas cortadas pelos cabras de Lampião dificultava as comunicações.

4.12 O ataque a Martins

O município de Martins também sofreu os excessos do grupo de Lampião. A população auxilia a polícia, repelindo o ataque. Atacaram o povoado de gavião, atual Divinópolis.

4.13 O ataque a São Sebastião

A 12 de junho, às 23 horas, a cidade de São Sebastião foi invadida. Quebraram os móveis da estação e violaram as casas comerciais. Invadiram as lojas de

José Ludugero da Costa, Adauto Dias Fernandes e Eleutério Mendes. A fúria desses desordeiros é comentada:

Pareciam um grupo de demônios. Prenderam o cidadão Francisco Pinto, prefeito dessa cidade e detido como refém. Passou horas difíceis. O comércio foi saqueado.⁸

Audaciosamente, acordavam prefeitos, chefes de família, fazendeiros, maltratando quem encontrassem. Punham abaixo as portas e janelas, escancarando-as. Assaltados pelo pavor, as famílias entregavam seus haveres e economias. Pelas comunicações feitas sobre o bando no Rio Grande do Norte, era de se esperar que a chegada de um grande reforço de tropas procedentes das fronteiras da Paraíba, do Ceará e da capital, a fim de deter com urgência a marcha dos atacantes. Altas autoridades se comunicaram nesse sentido. Desencadearam-se alguns combates, entretanto, o percurso maior foi feito livremente. No espaço de 48 horas, os cangaceiros cavalgaram, arbitrários, em luzídios cavalos, pelas estradas, pelos atalhos e pastagens rio-grandenses. Lampião era temido. Os moradores da região estavam amedrontados diante de tanta violência:

A coletividade sertaneja ficou indefesa. O povo rio-grandense experimentou 48 horas extremamente dolorosas. Oficiais e praças dotados de eficiência salientaram-se nas tocaias e combates, tentando expulsar os intrusos. Coronel Solon Andrade, falecido no dia 16 de março de 1953, major Moisés, tenente Abdon Nunes, Laurentino Moraes, João Laurentino Soares, Eugêncio Rodrigues Costa e Carlos José Trajano concorreram briosamente para a dispersão dos bandidos. O bando concentrou-se no Alto da conceição, a poucos braços da cidade, daí partiu com destino a Mossoró.⁹

4.14 A estratégia

Lampião traçava estratégias que garantia a vitória de seu bando durante suas invasões nas vilas, fazendas, cidades:

Lampião ficava muitas vezes de cócoras, riscando no chão, ou no papel, o traçado de um possível ataque à polícia, descrevendo o terreno, criando disfarces e espionando. Distribuía os cabras de sua

⁸ OLIVEIRA, Aglae Lima de. Lampião, cangaço e Nordeste. Rio de Janeiro: O cruzeiro, 1970, p.189.

⁹ Id. *Ibid*; p. 186-90.



inteira confiança para a vanguarda, meio a retaguarda e, ao mesmo tempo, atacava de emboscada e procurava os abrigos para a defesa. Esses disfarces estratégicos deixavam seus companheiros e a própria polícia boquiabertos.¹⁰

No auge do tiroteio, cercado pelas forças volantes, estudava sempre saída, quando pressentia que a desvantagem apresentada para o grupo poderia lhe ser fatal, se insistisse guerreando. Seguindo sua intuição, fugia pelo caminho certo, prático, com ferimentos graves, leves, ou simplesmente arranhado pelos espinhos que emaranhavam a região.

A maioria dos sertanejos rudes é fanática. Acredita no fechamento do corpo. O povo do sertão comentava: "Parece inté coisa feita. O corpo dele é de ferro. Bala num entra mode furá esse home e ele morrê".

Nos terreiros das casas os repentistas tocavam viola e cantavam seus prazeres.

4.15 A tática de Lampião

O sucesso das investidas de Lampião estava intimamente relacionado a maneira como se organizava e preparava seus ataques. Lampião e seu bando seguiam a seguinte tática:

Lampião vinha do mato para a vereda; em linha horizontal; os rastejadores e Lampião pegavam os rastros da polícia; distribuía os cabras em linha curva, para a direita e para a esquerda; conservava os cabras na linha horizontal; selecionava a retaguarda; ficava abrigado no fim da horizontal.¹¹

As duas linhas curvas como um círculo, cercariam a aproximação do volante. Calculava-se a distância, para não se envolver num combate corpo-a-corpo. Imaginava cercar a polícia distribuindo cabras em um polígono ou losango, e sempre tomava para si o triunfo do combate. Se surgisse um pelotão especialmente treinado e capaz de demonstrar grande poderio de instrução militar, Lampião estaria tão apto no campo de luta quanto essa tropa. Habilitou-se cansar os soldados, economizava munição, mesmo quando estava disposto a persegui-los.

4.16 Os crimes

¹⁰ Id. Ibid; p.48.

¹¹ Id. Ibid; p. 109.

O instinto bárbaro de Lampião assume aspectos e dimensões inéditas. Vê-se claramente que ele se debate de angústia da inovação, buscando sempre modalidades novas de torturas física e moral, como os famosos suplicadores chineses.

Há relatos de crimes e torturas que demonstram a crueldade com que os cangaceiros atuavam durante seus ataques:

Corta orelhas, castra, estupra raparigas adolescentes, contaminando-as de mal venéreo, viola mulheres casadas à vista dos maridos. Surra à palmatória e chicote, mulheres, velhos e crianças; ferra moças na face, no pubis, nas coxas! De uma feita traçou, a canivete, duas longas e oblíquas incisões nas costas de uma vítima, do ombro à nádega, paralelamente, distante uns 4 centímetros e dissecou o retalho de pele e tecido subcutâneo, de quase meio metro, o que obrigou o paciente a ir para Caldas de Cipó, onde levou meses à espera de uma cicatrização custosa de fazer.¹²

¹² PRATA, Ranulfo. Lampião. Liberdade: Traço, [s.d.]. p. 72-3.

CONCLUSÃO

Não diferindo de muitos outros problemas sociais, o cangaço também teve as suas causas, o seu ambiente, a sua época.

Diversas são as causas atribuídas ao surgimento desse movimento, porém o principal ponto a ser analisado é o desequilíbrio socio-econômico. A concentração de renda, o flagelo da seca, a fome, o analfabetismo, o abuso de poder dos policiais, o poder dos coronéis em influenciar a política, a injustiça social, foram os principais fatores relacionados a origem do banditismo social.

A região Nordeste do Brasil foi palco desse movimento e o Rio Grande do Norte vivenciou os ataques dos cangaceiros, sendo o mais conhecido, o ataque a Mossoró, especialmente pelo fato da derrota do bando de Lampião frente a população organizada daquela cidade.

Terá, por acaso, o cangaço deixado de existir ou é apenas uma fotografia do passado?

O sertão mudou muito. Foi saneado. Boas estradas pavimentada foram construídas. Delegacias regionais de policia, interligadas por rádio, foram criadas. Os coronéis, que tinham o poder do quero, mando e posso em suas mãos descansam em paz.

O que está acontecendo é a urbanização do cangaço. Quadrilhas atuam nas cidades de grande e médio portes, comandadas até por bacharéis, agindo em obediência a planos pré-estabelecidos. O chapéu de couro do cangaceiro caiu no desuso. A opercata de rabicho foi trocada por modernos tênis. Os papo-amarelos foram substituídos por metralhadoras e espingardas doze. O cavalo cedeu seu lugar aos carros com motores "envenenados". O universo de ação deixou de ser a caatinga sertaneja para ser o asfalto da selva de pedras. O cangaço não desapareceu. Trocou de ambiência. Mudou os instrumentos de trabalho. Modernizou-se.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro, Rio de Janeiro: INL-MEC, 1954.
- CHANDLER, Billy Joynes. Lampião o rei dos cangaceiros, tradução de Sarita Linhares Barsted. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CHIAVENATO, Júlio José. Cangaço: a força do coronel. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- DÓRIA, Carlos Alberto. O cangaço. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1994. V.5. p. 52. Cangaço.
- FACÓ, Rui. Cangaceiros e fanáticos. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. v. 15.
- FERNANDES, Raul. Antônio Silvino no RN. Natal: Clima, 1990. v. 73.
- _____. A marcha de Lampião: assalto a Mossoró. 3.ed. Natal: UFRN, Ed. Universitária, 1985.
- LIMA, Estácio de. O mundo estranho dos cangaceiros. Salvador: Itapoã, 1965.
- LUNA, Luiz. Lampião e seus cabras. Rio de Janeiro: Leitura, 1963.
- MACEDO, Nerton. Capitão Virgulino Ferreira Lampião. Rio de Janeiro: Leitura, [s.d].
- MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião seu tempo e seu reinado: a guerra de guerrilhas, fase de domínio. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1988. v. 3.
- _____. Lampião seu tempo e seu reinado: o apogeu do domínio, a tragédia de Angico, a coroa do rei. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.v. 5.
- MONTEIRO, Hamilton de Maltos. Crise agrária e luta de classes: O Nordeste brasileiro entre 1850 e 1889. Brasília: Horizonte, 1980.
- MOTTA, Leonardo. No tempo de Lampião. Rio de Janeiro: Oficina industrial gráfica, 1930.
- NONATO, Raimundo. Lampião em Mossoró. 2.ed. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.
- OLIVEIRA, Aglae Lima de. Lampião, Cangaço e Nordeste. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1970.

- PEREIRA, Abelardo. Sertanejos e cangaceiros. São Paulo. Editorial Paulista, 1934.
- PONTES, Antônio Barroso. Cangaceirismo do Nordeste. 2.ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1970.
- PRATA, Ranulfo. Lampião. Liberdade: Traço, [s.d.].
- QUEIROZ, M.I.P. de. História do cangaço global. 2.ed. História popular, 11. São Paulo, 1986.

ANEXO 1



Figura 1 – Lampião com vestes para combater a Coluna Prestes

ANEXO 2



Figura 2 - Lampião e Maria Bonita

ANEXO 3

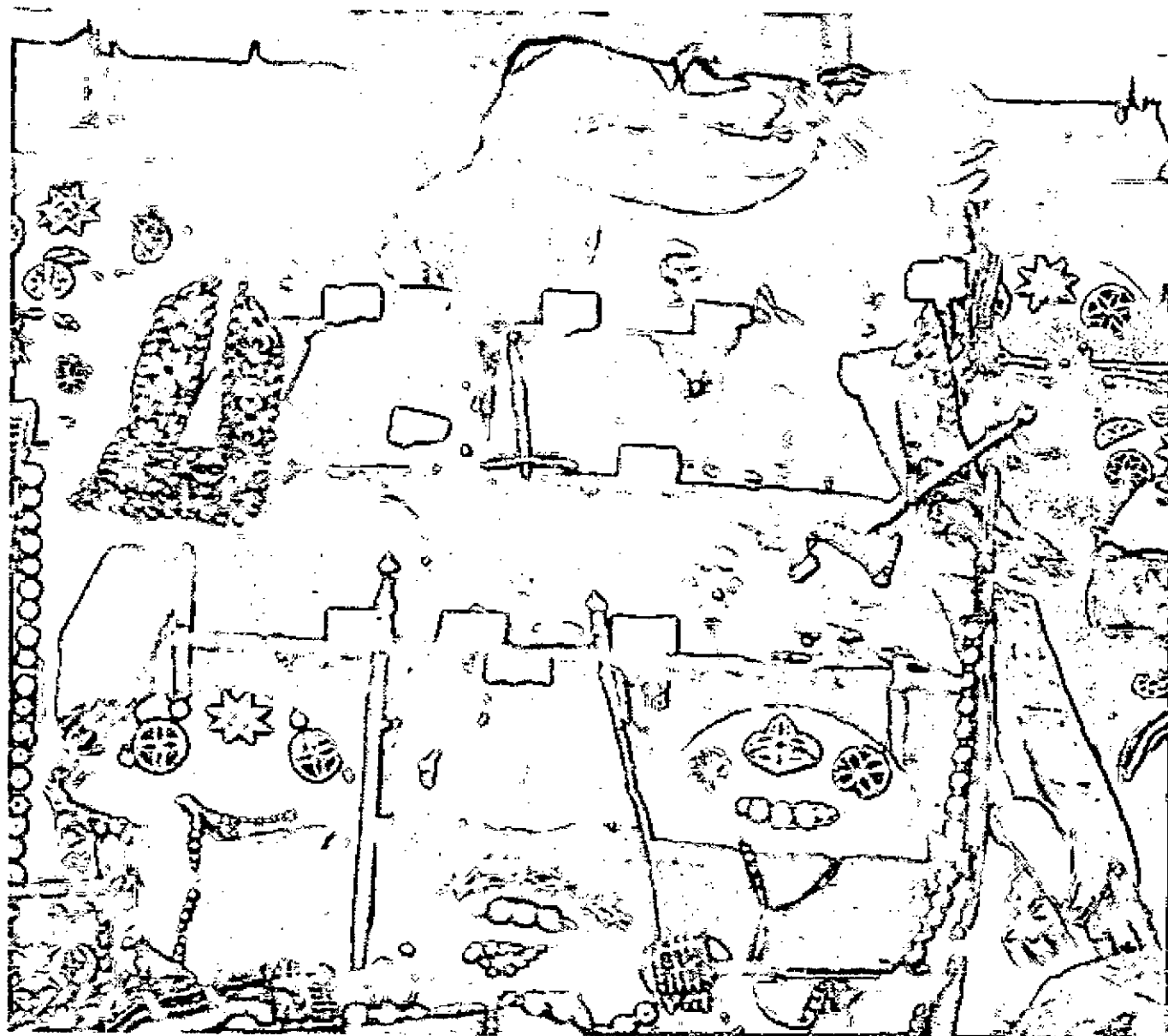


Figura 3 – Cabeças dos cangaceiros do grupo de Lampião

ANEXO 4



Figura 4 – Família de Virgulino. Juazeiro do Norte – CE, 1926